



MAPA E TEXTO DE APOIO PARA
O PROFESSOR/MEDIADOR:
COBRA-CANOA
JOGO DA MEMÓRIA DE GRAFISMOS INDÍGENAS

CONHECENDO OS GRAFISMOS INDÍGENAS

Cobra-Canoa foi desenvolvido para mostrar que a arte é intrínseca ao cotidiano dos povos indígenas. As artes desses povos não seguem os mesmos parâmetros e nem a mesma lógica que a ocidental. Os conceitos de beleza e de estética, por exemplo, não são os mesmos entre eles. Além disso, enquanto na comunidade ocidental os artistas representam uma pequena parcela da população, muitas vezes compondo uma elite, nas sociedades indígenas é comum que a arte seja coletiva, uma prática compartilhada pela maioria de seus integrantes, se não por todos.

Para adentrar no mundo dos grafismos indígenas é preciso estar aberto a novas possibilidades e apreciar as artes ameríndias em si, em seus próprios termos e significados. Vamos juntos explorar um pouco mais essas diferenças!

Os desenhos também podem funcionar como pontes entre o mundo dos humanos e dos não-humanos. Assim, mais do que meramente **representar** esse caminho entre mundos, os grafismos **são** o caminho. Na ótica indígena, os desenhos falam e agem, tendo a capacidade de representar, sugerir, se estender de forma infinita e constituir relações.

Além disso, os grafismos assumem papéis ativos na própria construção da humanidade. Em diversas etapas da vida, desenhar na pele os grafismos correspondentes aos diferentes períodos é crucial para tornar essa vivência completa. Entre os Mebêngôkre, por exemplo, as pinturas na pele dos recém-nascidos são essenciais para que eles passem a ser considerados integrantes de seu povo, verdadeiros humanos.

Alguns rituais de cura orbitam em torno dos grafismos, seja refazendo desenhos invisíveis que cobrem a pele das pessoas ou fazendo novos desenhos que, por si só, conferem força e outros atributos para quem os recebe.

Pessoas também utilizam pinturas que as ajudam durante o luto. Esses casos ressaltam o efeito terapêutico e o potencial de transformação que os grafismos podem ter.

Sobre a origem da prática de desenhar, é notável a constante presença da figura cosmológica da serpente. Diversos povos atribuem a existência dos desenhos a diferentes tipos de cobras: os Wayana e Aparai falam dos desenhos na barriga da lagarta Turupere; os Wauja aprenderam seus desenhos com a grande cobra-canoa Kamalu Hai; os Guarani imitam os desenhos da pele da cobra em suas cestarias e adornos feitos de miçangas. Daí surge o título do jogo: **Cobra-Canoa**, uma homenagem a essas histórias que caminham por todo o Brasil por meio das vozes indígenas.

Os grafismos podem ser gravados nos mais variados suportes: eles estão presentes na pele do corpo, no couro dos animais, na cerâmica, na madeira, na cestaria, no papel... Alguns povos utilizam o grafismo corporal para se diferenciar de outros, reforçando na tinta do jenipapo e do urucum aquilo que os torna únicos. O uso dos grafismos como símbolo de resistência também é muito comum. E também há desenhos que adornam peças feitas para a venda, um importante fonte de renda para muitos povos.

Cada população e artista entretiza um uso específico para os grafismos. Eles podem operar como indicadores sociais dentro de comunidades indígenas, como entre os Kadiwêu, que demonstram distinções sociais através de pinturas faciais e corporais. No caso dos Katingan, pessoas pertencentes à linhagem Kamé aplicam padrões e cores específicas em suas pinturas e cestarias, o que os diferem da linhagem Kaitu, que também possui seus grafismos específicos.

2023, licenciado pela Creative Commons CC BY-NC-ND 3.0 BR

Associação Brasileira das Editoras Universitárias
Eva Lenita Scheliga
Assessora da Editora UFPR

Coordenador da Editora UFPR
Rafael Faraco Benithien
www.editora.ufpr.br

Rua Usléido do Amaral, 221, CEP 80060-195
UFPR

Direitos desta edição reservados à
Dornit, Regiane Felbaum, Sady Pereira do Carmo Jr., Tamara Kengstka, Wesley Ventura
Miquilino Barbosa, Líana Porto, Luiz César Rodrigues, Renata Cecilia Chavesim Fajgo, Renata Simone
de Paula Rodrigues, Douglas Fides, Fábio L. C. Marcolin, Gabriela Chavesim Fajgo, José Arnono
Ara Lusa de Mello Nesromero, Arya Paula Padua Fries de Castro, Bruna Marina Fortale, Doris Rozena

Equipe MAE-UFPR

Coordenadora do MAE-UFPR:
Bruna Marina Fortale
www.mae.ufpr.br

Rua Bom Jesus, 650 - Jurema, CEP 80035-010
UFPR

Pro-Reitor de Extensão e Cultura:
Rodrigo Ayrantes Reis
www.dpr.br

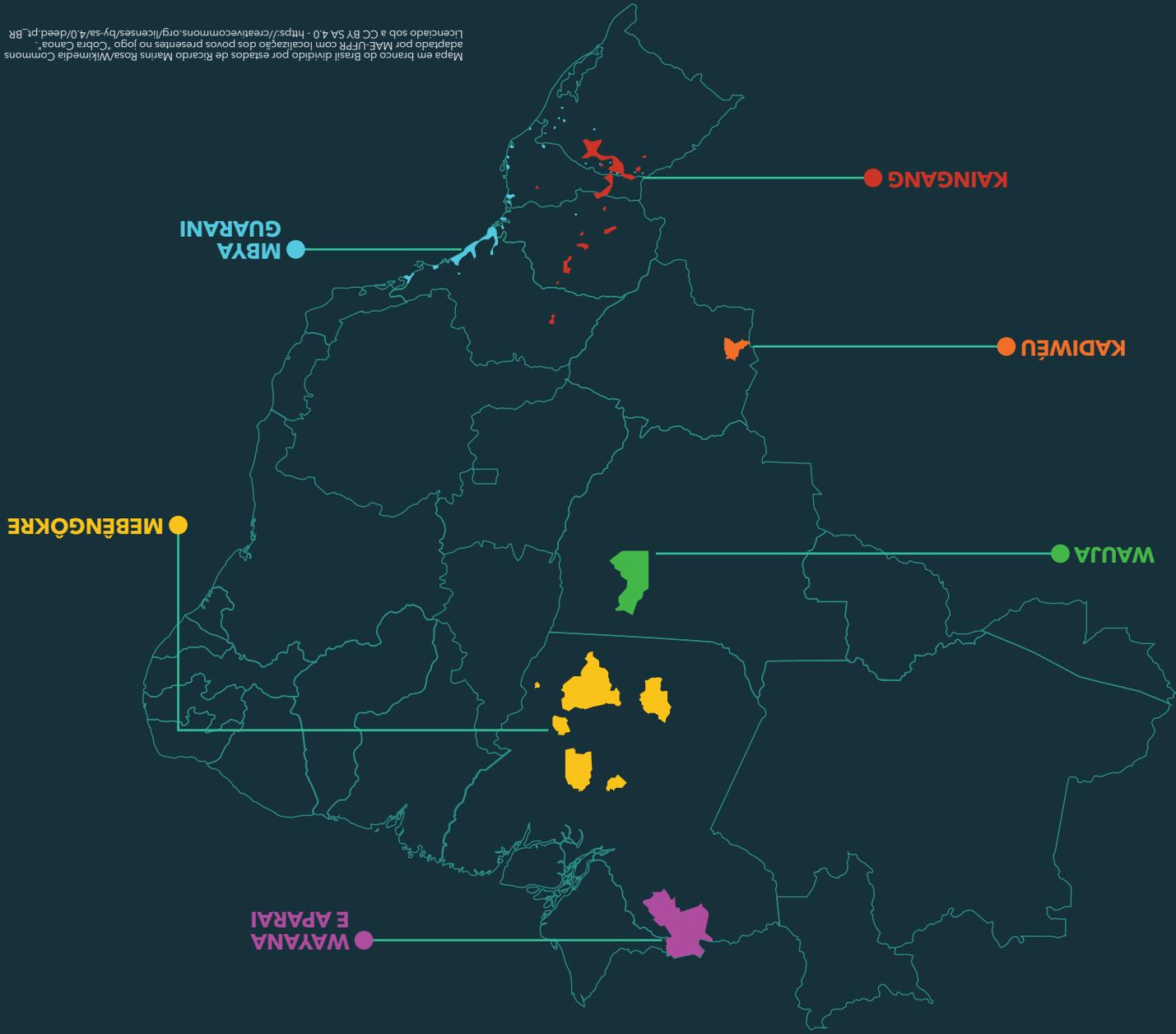
R. XV de Novembro, 1299 - Centro, CEP 80060-000
UFPR

Vice-Reitora:
Graciela Inês de Munitz

Reitor:
Ricardo Marcelo Fonseca
www.dpr.br

R. XV de Novembro, 1299 - Centro, CEP 80060-000
UFPR

CONFIRA AS INFORMAÇÕES SOBRE CADA POVO NAS "CARTAS DOS POVOS"



Mapa em branco do Brasil dividido por estados de Ricardo Mairns Rosa/Wikimedia Commons adaptado por MAE-UFRR com localização dos povos presentes no jogo "Cobra Canoa".
 Licenciado sob a CC BY SA 4.0 - https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS NETO, Aristóteles. A cerâmica wajja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 15-16, 2005-2006.

CEELHO Vera Penteadó. Figuras zoomorfas na arte Wajjá: anotações para o estudo de uma estética indígena. Revista de Antropologia Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

DURAN, Maria Raquel. Padrões que conectam: o godígitgo e as redes de sociabilidade kadiwêu. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Terra Indígena Rio das Cobras - Nova Laranjeiras/PR. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=AEBoj7eooEI](https://pib.socioambiental.org). Acesso em 04/10/2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. "Informações sobre Povos Indígenas". Disponível em <https://pib.socioambiental.org> > Acesso em 15/02/2022.

LAGROU, Elsjé. Arte indígena: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

PÉREZ GIL, Laura; NAVIERA, Miguel. Arte e Cosmos Guarani - Instituto Brasil Piratí: relatório de pesquisa. Curitiba, 2009.

VIDAL, Lúx e LOPES DA SILVA, Aracy. A antropologia estética: enfoques técnicos e contribuições metodológicas. In: Nobel/FAPESP/EDUSP, 1992.

VIDAL, Lúx. A iconografia e os estudos indígenas: uma introdução; A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapo-Xirim. In: Vidal, Lúx (org). Grafismo indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/EDUSP, 1992.

VELTHEM, Lúcia Hussak van; LINKE, Ion Leonel van Velthem. Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI/IEPÉ, 2010.

CARVALHO, Josué. Entrevista concedida a Laura Pérez Gil. Arquivo MAE-UFPR, 2015.

SIQUEIRA JR., Jaime. A iconografia kadiwêu atual. In: Vidal, Lúx (org). Grafismo indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/EDUSP, 1992.

SEVERI, Carlo e LAGROU, Elsjé. Introdução. In: SEVERI, Carlo e LAGROU, Elsjé (org). Quimeras em diálogo: grafismo e figurção nas artes indígenas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.